

**“O RECIFE QUE EU QUERO: MEU OLHAR ATRAVÉS DA
VIDEORREPORTAGEM”: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA ATRAVÉS DAS
MÍDIAS DIGITAIS**

Millena Myrele da Paz Santos (UFPE)
millena.paz@ufpe.br

Samya Nicole Menezes de Oliveira (UFPE)
samya.nicole@ufpe.br

Resumo: A tecnologia está presente no cotidiano de grande parte da população brasileira, especialmente através das mídias digitais. Sendo assim, a educação também recebe os impactos dessa nova realidade digital, de forma que faz-se necessário incluir essas mídias nas práticas escolares, especialmente no que tange ao trabalho com as linguagens. Dessa forma, o presente trabalho, respaldado em Bakhtin ([1952-53] 2010), Barsotti (2014) e Souza (2003), propõe uma trilha pedagógica, intitulada “O Recife que eu quero: meu olhar através da videoreportagem”, a fim de articular a produção textual, em língua portuguesa, ao uso da plataforma *TikTok* através de uma prática comunicativa que se aproxime maximamente da realidade dos estudantes recifenses. A proposta é direcionada ao primeiro ano do Ensino Médio, de forma que, para seu desenvolvimento, foi necessário analisar o Currículo de Pernambuco (2021), a BNCC (2018) e estabelecer, baseado nas justificativas curriculares previamente estabelecidas, a temática, o gênero textual videoreportagem e os objetivos pedagógicos. A partir disso, elaborou-se um roteiro composto por sete encontros, visando a materialização dos objetivos. É importante reforçar o fato de que trata-se de uma proposta e que, portanto, pode ser adaptada conforme as necessidades de cada docente e de suas respectivas turmas. Além disso, a trilha ainda não foi colocada em prática, mas espera-se que ela seja um projeto que dialogue com as demandas dos agentes da educação e do ensino de produção textual, uma vez que, ela estimula o posicionamento crítico de todos os envolvidos, bem como insere a tecnologia na sala de aula.

Palavras-chave: produção textual; formação docente; educação linguística; mídias digitais; trilha pedagógica

Abstract: Technology significantly influences the daily lives of a substantial portion of the Brazilian population, mainly through digital media. Consequently, the field of education is deeply impacted by this digital evolution, necessitating the integration of digital media into academic practices, particularly within linguistic contexts. Built upon the theoretical foundations of Bakhtin ([1952-53] 2010), Barsotti (2014), and Souza (2003), this study proposes a pedagogical approach titled "The Recife I Want: My Perspective through Video Reporting." Its primary aim is to connect Portuguese language textual production with the use of the TikTok platform, creating a communicative practice that resonates with the experiences of students in Recife. Designed for the first year of high school, the development involved a thorough examination of the Pernambuco Curriculum (2021) and the BNCC (2018). Informed by established curricular justifications, the thematic focus, the genre of textual expression (video reporting), and pedagogical objectives were carefully delineated. Subsequently, a comprehensive seven-session itinerary was crafted to actualize these objectives. It is essential to note that this is a conceptual proposal, adaptable to the needs of individual educators and their classes. Additionally, the pedagogical approach is yet to be implemented; however, it is



envisioned as a prospective initiative that aligns with the demands of education stakeholders, promoting critical thinking and seamlessly integrating technology into the classroom.

Keywords: textual production; teacher professional development; linguistic education; digital media; pedagogical trajectory

Introdução

Muitos são os caminhos que se pode traçar para executar o trabalho em sala de aula. No entanto, qualquer que seja a estratégia pedagógica adotada, é preciso verificar, primeiramente, se ela consegue dar conta das demandas de aprendizagem dos alunos ao mesmo tempo em que apresenta todos os conteúdos a serem abordados de forma coesa e coerente, tal qual deve acontecer em uma produção textual. Sabe-se também que, para as aulas de linguagens, muitos professores adotam as sequências didáticas, que nada mais são do que uma sequência de ações pedagógicas planejadas que visam alcançar um determinado objetivo. Este objetivo, por sua vez, costuma ser a aquisição de conhecimento de um determinado conteúdo.

A definição e a mobilização de uma sequência didática têm aspectos muito positivos para o trabalho docente, especialmente em um contexto em que não é incomum encontrar profissionais que sequer planejam o percurso pedagógico que irão traçar, o que leva a aulas desconectadas umas das outras, prejudicando, assim, a concretização dos objetivos de aprendizagem. No entanto, mesmo diante da possibilidade de adoção de uma sequência didática, outra opção se apresenta, com grande potencial de trabalho: a trilha pedagógica.

A elaboração de uma trilha pedagógica necessita, tal qual uma sequência didática, do planejamento de ações concatenadas visando alcançar um determinado objetivo. A diferença, no entanto, reside no fato de que o conceito de trilha requer não somente que uma aula tenha relação com a outra, mas que uma, de fato, dependa da outra, pois todo o processo de ensino-aprendizagem depende da construção de conhecimentos que é feito a cada novo passo que se dá rumo à concretização dos objetivos pedagógicos pré-estabelecidos. Além disso, por si só, o termo “trilha” remete a um percurso, uma jornada que se realiza com consciência do começo, do meio e do fim do trajeto. Logo, por mais que se possa admitir que as diferenças entre trilha e sequência são poucas, quiçá tênues, assumir o conceito de trilha tem ainda mais potencial para ajudar o docente a enxergar o processo de ensino como um percurso que não se encerra em uma ou duas aulas, mas que permite um trabalho mais elaborado e organizado.



Dito tudo isso, apropriar-se desse tipo de estratégia pedagógica ainda durante a formação docente é essencial para assegurar - ao máximo possível - um processo de ensino-aprendizagem, de fato, produtivo para todos os envolvidos. Dessa forma, cabe esclarecer que a trilha descrita por este trabalho foi empreendida na disciplina de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa II, ministrada pelo professor doutor Clécio Bunzen, docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que orientou todo o projeto. Ademais, cabe mencionar que a trilha em questão dedica-se ao campo jornalístico-midiático, também por orientação do professor.

Sendo assim e sabendo que o campo proposto é vasto e que o fazer jornalístico foi ampliado com as novas tecnologias - principalmente, a internet - é de suma importância fazer com que os alunos possam entender que as plataformas digitais podem ser úteis em outras circunstâncias, para além do puro entretenimento. Nesse sentido, a trilha propõe essa reflexão a partir do uso do *TikTok*, plataforma que teve um enorme crescimento durante a pandemia do Covid-19 e que se tornou, praticamente, de uso universal dos jovens do século XXI, mesmo depois do período de isolamento social.

Intitulada “O Recife que eu quero: meu olhar através da videorreportagem”, a trilha une pautas importantes ao uso da internet, como a necessidade de estimular o pensamento crítico, conhecer seu contexto social - tópicos mencionados nos documentos curriculares que baseiam o ensino - e entender as novas formas de fazer jornalismo hoje em dia. Inspiradas no quadro “O Brasil que eu quero”, passado no horário nobre do Jornal Nacional, em meados de 2018, que pedia e selecionava vídeos de pessoas do Brasil inteiro respondendo à indagação - em especial, de cidadãos de áreas menos abastadas e pouco valorizadas -, a trilha foi pensada para recriar esse quadro de forma exclusiva para a cidade do Recife, considerando os bairros em que os alunos moram, para fazê-los terem uma apreensão melhor do seu espaço e buscar aflorar suas identificações com esses locais.

Sendo assim, a execução da trilha em questão tem potencial para fazer com que a escola seja um espaço que, ao conhecer melhor a realidade do aluno, dialogue com suas necessidades e não esteja alheia ao seu mundo. Além disso, a escolha foi feita pensando em aproximá-los das novas facetas do trabalho jornalístico através de instrumentos que já são de seus convívios diários, para abrir novos horizontes de uso e fazê-los compreender que, ainda que o *TikTok* seja uma plataforma em que a linguagem coloquial seja mais utilizada, por seu caráter descontraído,



diversas formas de linguagens podem coexistir, sempre em conversa com o contexto comunicativo e com os objetivos dos interlocutores.

1. Justificativas curriculares

Apesar de serem, muitas vezes, trabalhados enquanto meros esqueletos estruturais com regras e características bem definidas, os gêneros do discurso são, na verdade, práticas sociais indissociáveis das diferentes formas de expressão linguística. Sendo assim, e considerando que a escola é o lugar que formaliza o trabalho com esses gêneros, esta precisa conceber, em sua abordagem, o contexto social, cultural e econômico dos estudantes e das práticas discursivas em questão. Dito isso, nota-se que os referenciais curriculares procuram trazer esse contexto para a sala de aula, fugindo de um tradicionalismo que engessa o trabalho com os gêneros do discurso. Entretanto, cabe ao professor e à escola fazer da utopia curricular uma realidade.

A trilha em questão busca, portanto, essa materialização na medida em que foi proposta uma produção textual a partir de uma prática comunicativa real - na medida do possível -, de forma que o resultado, bem como todo o processo de produção, reverberasse para além dos muros da escola. Para isso, entende-se que o aluno precisa ser um agente ativo, tal qual seria em qualquer outra prática sociodiscursiva no dia a dia.

Ademais, sabemos que boa parte da sociedade está imersa em uma era cercada de informação a todo momento, especialmente através das redes sociais. Pensando nisso, é impossível ignorar esses elementos e os impactos que causam ou que podem causar dentro e fora da sala de aula. Assim, é essencial entender como os estudantes lidam com tudo isso e estimular o manejo consciente desses recursos no cotidiano de cada um.

Cabe mencionar, ainda, que dentre as redes sociais em vigência no momento, o *TikTok* é uma das que mais se destaca entre a população de forma geral, mas, especialmente, entre os jovens. A todo momento, eles estão produzindo ou consumindo conteúdo na plataforma, de maneira que esta se torna um expoente comunicativo e um potencial agente de transformação social, visto que os vídeos que lá circulam têm grande potencial para atingir um grande e variado público. Entende-se, portanto, que essa rede serve não somente para diversão, mas também para chamar atenção para questões de extrema importância, como a melhoria da qualidade de vida na cidade. Sendo assim, levar o *TikTok* para a sala de aula permite que os



alunos compreendam, de forma mais eficiente e menos hipotética, o impacto que as tecnologias digitais têm em suas vidas, especialmente no que tange à disseminação de informações.

Por fim, acredita-se que produzir uma videoreportagem, bem como sua respectiva legenda, ajudará os estudantes a entender melhor o campo jornalístico-midiático, na medida em que eles serão levados a refletir criticamente sobre a investigação e a interpretação do tema proposto - o que há no bairro de cada um e que pode ser melhorado a fim de construir um Brasil melhor - e sobre os recursos linguísticos mobilizados para tal fim.

Esclarecidos esses pontos, é preciso dizer que a trilha em questão respalda-se no currículo de Pernambuco (2021), incluindo no que prevê a trilha de linguagens, na BNCC (2018) e nos referenciais normativos e definitórios dos itinerários formativos em Pernambuco, como observado a seguir:

I. *Currículo de pernambuco (2021): Trilha de Linguagens:*

- a)** III - mediação e intervenção sociocultural: supõe a mobilização de conhecimentos de uma ou mais áreas para mediar conflitos, promover entendimento e implementar soluções para questões e problemas identificados na comunidade. (Resolução CNE/CEB nº 3/2018, Art. 12, § 2º apud Pernambuco, 2021, p. 59)

II. *BNCC (2018):*

- a)** Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. (Brasil, 2018, p. 481)
- b)** (EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital. (Brasil, 2018, 489)



III. *Os referenciais normativos e a definição dos itinerários formativos em pernambuco:*

- a) “I - linguagens e suas tecnologias: aprofundamento de conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes **linguagens em contextos sociais e de trabalho**, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em línguas vernáculas, estrangeiras, clássicas e indígenas, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), das artes, design, **linguagens digitais**, corporeidade, artes cênicas, roteiros, produções literárias, dentre outros, considerando o **contexto local** e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino.” (Brasil, 2018, grifo nosso apud Pernambuco, 2021, p. 64).

IV. *No currículo de pernambuco: Trilha de Linguagens (Pernambuco, 2021, p. 312-313)*

- a) (EMIF01PE) Investigar e analisar situações- problema, envolvendo temas, variáveis e processos que estão relacionados às diversas áreas de conhecimento, considerando as informações disponíveis em diferentes mídias e suportes.
- b) (EMIF02PE) Levantar e testar hipóteses sobre variáveis que interferem na explicação ou resolução de problemas, em processos de diversas naturezas, nas áreas de conhecimento, contextualizando os conhecimentos em sua realidade local e utilizando procedimentos e linguagens adequados à investigação científica.
- c) (EMIF04PE) Propor e testar soluções éticas, estéticas, criativas e inovadoras para problemas reais, considerando a aplicação dos conhecimentos das áreas e o uso das tecnologias digitais, de modo a desenvolver novas abordagens e estratégias para enfrentar novas situações.

2. A importância de trabalhar gêneros variados em sala de aula

Segundo Orlandi (2015, p. 19), a linguagem serve para dizer e para não dizer. Nesse sentido, quanto mais contato com os diferentes “dizeres” os alunos do ensino básico tiverem, maior potencial de desenvolvimento de consciência crítica eles vão ter. Para isso, é preciso ter acesso a diferentes enunciados, materializados na forma de gêneros textuais, em especial



aqueles que são mais constantes na vida social e não somente os que são previstos pelo currículo da escola, pois “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso.” (Bakhtin, ([1952-53] 2016), p. 12).

Segundo Marcuschi (2010), os gêneros textuais “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia”. Pode-se dizer, então, que essas atividades, por sua vez, são alvo de reflexão e de reprodução nas escolas, que visam, dentre outros objetivos, fornecer um determinado conhecimento sobre determinados gêneros textuais - uma vez que nem todos os gêneros interessam ou são abordados nas instituições escolares e que a abordagem destes tem um fim específico, muitas vezes, revelado pela organização curricular. O problema reside no fato de que mesmo sendo eventos altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos (Ibidem), fruto das atividades e das necessidades socioculturais, essas últimas características são, por vezes, total ou parcialmente ignoradas pelas escolas e/ou pelos professores de linguagens, intencional ou não intencionalmente, na abordagem dos gêneros textuais, o que interfere diretamente na compreensão que os estudantes vão ter a respeito da aplicação e da funcionalidade desses textos para além do contexto escolar.

Há ainda que se mencionar o fato de que, apesar de assumir estruturas tipológicas e linguísticas prototípicas, os gêneros caracterizam-se majoritariamente por suas funções comunicativas. Assim, todo o contexto de produção e uso desses textos deve ser levado em consideração durante o processo de ensino e aprendizagem, ainda que sob uma forma fictícia, tentando reproduzir a realidade. Tudo isso suscita questionamentos sobre qual seria, então, a melhor forma de trabalhar um determinado gênero nas aulas de linguagem e apresentar primeiro características estruturais e linguísticas descontextualizadas da situação de uso e produção, definitivamente, não é a melhor estratégia, ainda que muito observada nas práticas docentes. Ainda sobre a importância do estudo de vários gêneros textuais em sala de aula e sobre a contribuição linguística desses gêneros, segundo Bakhtin (2016, p. 22):

O estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros discursivos é, segundo nos parece, de importância fundamental para superar concepções simplificadas da vida do discurso, do chamado “fluxo discursivo”, da comunicação, etc., daquelas concepções que ainda dominam nossa linguística. Além do mais, o estudo do enunciado como *unidade real de comunicação discursiva* permitirá compreender de modo mais correto



também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) - as palavras e as orações.

Sabendo que os aspectos socioculturais são determinantes para a manutenção e formação dos gêneros, pode-se dizer que a tecnologia, mais expressamente através da internet e dos novos meios de comunicação que surgem a cada momento, tem assumido uma posição de cada vez mais destaque, que não pode ser ignorada pelas aulas de linguagens em geral, ainda que se tenha um campo voltado especificamente para isso nos currículos. A tecnologia, hoje, interfere cada vez mais nas atividades cotidianas de cada cidadão, especialmente nas dos alunos, o que leva os docentes e os demais membros do corpo escolar a refletir sobre como abordar esse assunto na escola e, tratando das aulas de linguagens, mais especificamente aquelas voltadas para o campo jornalístico-midiático, a repensar como os alunos têm se relacionado com a informação e com a comunicação, tanto no sentido de uso quanto de produção.

Tomando a língua como uma “atividade social, histórica e cognitiva” (Marcuschi, 2015), ou seja, assumindo uma perspectiva funcional e interativa da linguagem, e admitindo que, segundo Bakhtin (2010), é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um gênero, é preciso, enquanto docente de linguagens, reconhecer as características sociocomunicativas dos gêneros textuais. São elas: conteúdo, propriedades funcionais, estilo e composição (Ibidem). Dito tudo isso, é inevitável questionar, então, se não seriam essas as características a serem “ensinadas” pelos docentes aos seus alunos, e, conseqüentemente, buscadas durante a avaliação do texto escolar.

Sabe-se que o discurso se materializa no texto, então, antes de buscar a adequação a uma estrutura, deve-se buscar, no ensino de textos, a adequação a um discurso que, inevitavelmente, faz parte de um domínio discursivo, com características e objetivos bastante singulares e que, para suprir tais aspectos, faz uso de uma gama tipológica e de um vasto conhecimento a respeito dos gêneros textuais.

3. A trilha

Diante do exposto, a presente trilha pedagógica, pensada, especialmente, para o primeiro ano do ensino médio, buscou trabalhar os gêneros discursivos videorreportagem e legenda, com circulação da rede social *Tiktok*, para contemplar - de acordo com as justificativas



curriculares anteriormente apresentadas - o campo jornalístico-midiático, presente na BNCC (2018). A escolha de tais gêneros, entretanto, não foi de forma aleatória, visto que buscou-se diversificar a abordagem do campo, que, muitas vezes, é limitado aos gêneros mais comuns, como notícia, reportagem, artigo e outros. Assim, ao pensar quais práticas de linguagens eram necessárias mobilizar com a trilha, - sendo elas: informar, divulgar e trabalhar o posicionamento crítico enquanto cidadão - tais gêneros foram escolhidos.

Com a expansão da internet, que vinha sendo gradativa, mas teve sua explosão na pandemia da covid-19, e, em consequência, das redes sociais, o jornalismo se apropriou de outras formas de divulgação da informação, que, neste momento, têm características e particularidades próprias. Dessa maneira, de forma inspirada nos pressupostos de Bakhtin de que

Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero. (Bakhtin, 2010, p. 268)

apresenta-se os gêneros citados não enquanto uma extensão do gênero “reportagem”, mas entendendo suas novas formas estruturais, composicionais, seus objetivos e sua circulação. A videorreportagem tem a capacidade de engajar o leitor e aumentar o interesse pelo conteúdo jornalístico, tornando-o mais atraente e envolvente. Ao invés de apenas ler uma reportagem, o leitor pode vivenciar a história por meio das imagens e vídeos, criando uma conexão mais forte e emocional com a informação. Enquanto isso, publicar essa coleta de dados feita fará com que o trabalho circule na internet, podendo prover comoção dos responsáveis pela cidade pela divulgação do problema e ajudando os alunos a enxergarem uma outra utilidade para a plataforma.

É válido ressaltar que a aplicação da trilha dura cerca de seis encontros e um momento de avaliação final, tendo cinquenta minutos cada e sendo em aulas geminadas. Além disso, todas as aulas contêm objetivos específicos, uma proposta avaliativa, sua esquematização propriamente dita e uma ficha didática autoral elaborada para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem. Ainda que se tenha destinado uma aula para culminância e apreciação das experiências vividas durante a trilha, cada encontro, ao propor as metas, abria margem para avaliar os estudantes gradualmente, de forma que a perspectiva adotada foi da avaliação formativa, tal como para Suassuna (2007, p. 41), uma vez que ela



consiste em fazer apreciações críticas; busca qualificar o ensino e a aprendizagem; tem função diagnóstica e exige a participação ampla das instituições e sujeitos envolvidos; enfatiza aspectos qualitativos; considera resultados e também os processos de produção desses resultados; favorece uma leitura dos diversos aspectos e dimensões dos processos e fenômenos educativos. A natureza formativa da avaliação remete não para a correção do rumo e a homogeneidade, mas para o movimento próprio das relações pedagógicas e da linguagem.

Apesar da trilha ainda não ter sido aplicada em uma situação real, seu planejamento foi realizado hipotetizando que as autoras, de maneira colaborativa, estavam frente a uma turma de escola pública na cidade do Recife, em Pernambuco, com demandas sociais latentes, e, sendo ainda graduandas, resolveram elaborar passo a passo do que seria feito. Assim, pode-se ver uma suposição de tempo para conclusão de cada etapa, bem como o uso da linguagem pessoal ao longo do texto. Importante destacar, além de tudo, que os apêndices e anexos respectivos à trilha também estão no corpo do texto, para facilitar a visualização.

3.1 Planejamento dos encontros

Para acompanhamento das aulas, conferir no final do trabalho o Anexo I, contendo a ficha didática elaborada.

3.1.1 Aula 1

1. Objetivo da aula

Entender como, através de quais ferramentas e com que frequência os alunos consomem notícias e informações em geral. Além disso, ampliar a rede de opções que cada estudante pode ter para se manter informado através do compartilhamento de conhecimentos sobre os diferentes meios de comunicação.

2. O que pretendemos avaliar?

Avaliaremos o conhecimento prévio dos alunos sobre os meios de comunicação e circulação da informação, em especial, do caráter jornalístico e suas capacidades de selecionar, interpretar e apresentar as informações referentes à pesquisa solicitada em classe.



3. Esquematização da aula

Iniciaremos a primeira aula com um questionamento: *Quais são os canais por onde vocês consomem notícias e informações?* Escreveremos essa pergunta no quadro branco e adicionaremos as respostas no quadro, como um *brainstorm*, para que fique visível para todos os alunos e nós possamos discutir em grupo. *(Tempo de duração: 20min)*

Feito isso, pediremos para que eles procurem na internet um exemplo desse meio, para que ele não fique apenas em sua fala, mas seja materializado. Pode ser uma foto, um vídeo, uma página no Instagram (qualquer meio analógico ou digital de consumo). Como forma de registro desse momento, pediremos que esses exemplos pesquisados sejam postos no QR Code que os encaminhará para um Drive criado para a turma, disponível na ficha didática que entregaremos a partir desse momento. *(1º uso da ficha didática (Cf. apêndice II); tempo de duração: 20min)*

Por fim, pediremos para que um ou dois alunos mostrem para todos aquilo que pesquisaram e respondam às nossas perguntas (Cf. apêndice I), para nos encaminharmos para a próxima aula.

Apêndice I - perguntas para o momento final da aula 1

- a) Qual o meio de comunicação que você mais utiliza para se manter informado?
- b) Sobre seu exemplo: o que você trouxe? Qual o gênero você acredita que seja? É uma notícia, uma reportagem, um vídeo, uma página em alguma rede social?
- c) Qual é a sua frequência utilizando esse meio? Todos os dias?

(Tempo de duração: 10min)

Anexo I - Ficha didática

Anais do IV Seminário Nacional de Línguas e Linguagens da UFMS/CPAQ e V Seminário da Sociedade dos Leitores Vivos



TRILHO DE LINGUAGENS PORTUGUESA E LÉXICAS

ROCHA SAMPAIO
ROCHA MULLER
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

NOME: _____
SÉRIE: 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

RECIFE que eu quero: MELHORAR ATRAVÉS DA VELOCIDADE PORTUÁRIA

Ok, google! Me dê uma linha do tempo da informação, no Brasil

Se eu fosse diretor de uma escola, eu gostaria de ter um laboratório de informática com computadores, tablets, smartphones, e uma sala de aula com uma televisão grande para assistir vídeos e aulas gravadas.

RECIFE que eu quero: MELHORAR ATRAVÉS DA VELOCIDADE PORTUÁRIA

Bora produzir?
Meu trabalho também vai ser gravado em vídeo e publicado no YouTube.

O BRASIL QUE EU QUERO

O Brasil que eu quero? Termino com o vídeo de 10:30 dos municípios do país.

SE LIGA ANIMADOR

Bora produzir?

Meu trabalho também vai ser gravado em vídeo e publicado no YouTube.

Elabore uma videoreportagem de tema "O Recife que eu quero" mostrando seu bairro e evidenciando aquilo que você gostaria que mudasse nele ou, até mesmo o que você admira nele. Lembre-se de que discutimos ao longo das aulas, buscando se aproximar das características frequentemente encontradas em vídeos desse tipo. Além disso, utilize a plataforma "TikTok" para facilitar a circulação nas redes sociais e alcançar seu objetivo de propagação marcando os perfis das autoridades da cidade e do Estado.

Dê-lhe a cidadania! Não! Bom trabalho!

Comandos da atividade: Produza um roteiro para orientar a gravação da videoreportagem pensando sobre as seguintes questões:

- Qual será o bairro ou o rua a serem gravados?
- O objetivo do grupo é fazer uma opinião crítica positiva ou negativa e por quê?
- O que será dito na narração e que tipo de linguagem será utilizada?
- Qual será o local a serem gravados?
- A gravação será feita durante o percurso até chegar em casa?
- Qual será a mídia onde se fará a publicação e o conteúdo da videoreportagem?

PASSAPORTE PER ALICIA

Fonte: As autoras (2023)

3.1.2 Aula 2

1. Objetivo da aula

Apresentar a evolução da circulação da informação ao longo dos anos e comparar o que se tinha antes com o material que circula hoje; apresentar e proporcionar o contato com o gênero trabalhado, a videoreportagem e a legenda; refletir sobre as estratégias de circulação e produção de vídeos produzidos por comunicadores digitais; identificar as diferentes maneiras



de consumir informação atualmente, ampliando o repertório individual; e entrar em contato e criar uma conta no *TikTok*, caso alguém ainda não tenha.

2. O que pretendemos avaliar?

A apropriação a respeito do conteúdo exposto sobre a circulação da informação; a capacidade de identificar e criticar as estratégias de circulação e de produção dos vídeos apresentados; e o reconhecimento, anterior e posterior à explanação, da função do gênero videorreportagem e da legenda, bem como de sua importância e das situações de uso.

3. Esquematização da aula

No segundo momento da aula, que idealizamos ser logo após a primeira descrita acima, faremos o segundo uso da ficha didática, apresentando-os uma mini trajetória da circulação da informação durante os anos, no Brasil, mostrando-os o papel do jornal antigamente e da internet, atualmente. Mais algumas indagações serão feitas, sempre estimulando a participação da turma (Cf. Apêndice II).

Apêndice II - Indagações sobre a linha do tempo

- a) Baseado no ano em que vocês nasceram, quais são as “eras” da informação que vocês se localizam?
- b) Na casa de vocês, alguém ainda usa o jornal? Qual?
- c) Atualmente, de que forma você mais consome informações? (áudio, vídeo, texto escrito ou ambos)

(2º uso da ficha didática; Tempo de duração: 20min)

Tendo discutido sobre o percurso do jornalismo e da informação, além de contarmos com as respostas dos alunos sobre o uso majoritário do *TikTok*, gostaríamos de exibir videorreportagens e legendas produzidas por veículos de comunicação ou influenciadores, todos sobre a cidade do Recife (Cf. Anexo I). A partir dos vídeos e sem comentar sobre a temática que os une - o Recife -, vamos começar a refletir sobre as estratégias de circulação e produção desses vídeos, falando sobre a legenda colocada; a presença ou não de música de fundo; as transições feitas em cada bloco de imagem; o que percebemos, estruturalmente, em todos os vídeos?; e usos da linguagem.



Anexo II - Vídeos escolhidos do *TikTok*

- a) Vídeo disponível na conta do *TikTok* do atual prefeito da cidade, João Campos -
<https://vm.tiktok.com/ZMYqq5ANa/>
- b) Vídeo disponível na conta do *TikTok* da atual governadora do Estado, Raquel Lyra -
<https://vm.tiktok.com/ZMYqqPWeU/>
- c) Vídeo disponível na conta do *TikTok* “Idas e Vindas”, sobre pontos turísticos do Recife - <https://vm.tiktok.com/ZMYqqf5x4/>
- d) Vídeo disponível na conta do *TikTok* “Pernambucanos por aí”, sobre pontos turísticos do Recife -<https://vm.tiktok.com/ZMYqquWbm/>
- e) Vídeo disponível na conta do *TikTok* do Jornal Metrôpoles, sobre as chuvas na cidade do Recife - <https://vm.tiktok.com/ZMYqqqBsD/>

Fonte: *TikTok* (2023)

(3º uso da ficha didática; Tempo de duração: 30min)

Antes da aula acabar, pediremos para que eles criem, se souberem, uma conta no *TikTok*. Acreditamos que essa atividade pode ser feita de forma individual e em casa, por sabermos que a maioria já terá uma conta de uso próprio e, para aqueles que não a tenham, esse já é um letramento que os alunos trazem atualmente. De toda maneira, reforçaremos tal pedido no início da próxima aula.

3.1.3 Aula 3

1. Objetivo da aula

Apresentar o principal modelo inspiração - o quadro “O Brasil que eu quero” - para a produção que será feita nas aulas seguintes; separar os grupos para que eles comecem a pensar sobre as particularidades do lugar onde vivem e que poderia ser exposto sobre esse lugar;



construir uma opinião crítica justificada a respeito do conteúdo em potencial que será mostrado na videorreportagem; e compreender que o processo de criação de uma videorreportagem perpassa vários níveis linguísticos e iniciar o processo de apropriação desses níveis, para estimular o trabalho em grupo.

2. O que pretendemos avaliar?

A interação durante o trabalho coletivo e a maneira como executam o rascunho do pré-projeto; o conhecimento prévio em torno do quadro, bem como seu objetivo, “O Brasil que eu quero”; a coerência, dentro da proposta exibida, da seleção das primeiras ideias para o projeto; o reconhecimento e a percepção crítica em torno daquilo que pode e precisa ser melhorado no bairro e na cidade; e a apropriação dos níveis linguísticos e da estrutura que perpassam a construção de uma videorreportagem.

3. Esquematização da aula

A terceira aula, que será feita no mesmo dia da quarta, será iniciada apresentando um vídeo passado na TV Globo de Televisão, em 2018, no quadro “O Brasil que eu quero”. A partir do vídeo, conversaremos sobre nossa produção de trabalho, que será somada à avaliação de aprendizagem. Os vídeos selecionados apresentarão o “Brasil que eu quero” na visão das crianças, que também puderam participar do quadro, para estimulá-los ainda mais na atividade. Todos os materiais que serão expostos estão disponíveis na internet e na ficha didática, assim, os alunos podem ter acesso ilimitado, para se inspirarem nessa atividade. (Cf. Anexo II)

Anexo III - Vídeos do quadro “O Brasil que eu quero”

- a) O Brasil ideal sob o olhar das crianças - F dos Guedes, S F Glória, C Oeste, Anita Garibaldi, P Vargas, N S Rita, B Piauí, Guairaçá | Globoplay
- b) O Brasil ideal sob o olhar das crianças - Hora 1 | Três de Maio, Pardino, Luiziana, Olaria, B Constant do Sul, Gastão Vidigal e Cel. Pilar | Globoplay

Fonte: Globo.com (2018)

(Tempo de duração: 20min)

No segundo momento, faremos a separação de grupos. Nossa sugestão é que eles se agrupem baseados na proximidade do bairro onde moram, para que possam mostrar as



particularidades do lugar. Os comandos da atividade serão dados e eles terão esse tempo aula para conversarem sobre o que vão expor, gravar e falar no vídeo, que deve ter 3min de duração - os critérios de gravação estarão disponíveis na ficha didática. Ao final dessa conversa prévia, pediremos que eles nos comuniquem quais serão os bairros que aparecerão na videorreportagem, para que possamos fazer uma curadoria de notícias sobre eles, para uma discussão na próxima aula. (4º uso da ficha didática; Tempo de duração: 10min)

Nos últimos 20min, conversaremos sobre o roteiro da produção com algumas questões a serem comentadas (Cf. Apêndice III).

Apêndice III - Perguntas-chave para a elaboração do roteiro

- a) Qual será o bairro ou a rua a serem gravados?
- b) O objetivo do grupo é tecer uma opinião crítica positiva ou negativa e por quê?
- c) O que será dito na narração e que tipo de linguagem será utilizada?
- d) Quais serão os locais a serem mostrados?
- e) A gravação será feita durante o percurso até chegar em casa? Qual seria o efeito disso na parte audiovisual e do conteúdo da videorreportagem?

Para nós, é importante que eles tenham mente, durante todo o processo, que o foco do trabalho é construir uma opinião crítica justificada, em que a fala e as imagens feitas por eles conversem plenamente e que o *TikTok* possa servir como uma plataforma de propagação cultural. Ademais, que compreendam que o processo de criação de uma videorreportagem perpassa vários níveis linguísticos, indo desde a discussão, produção, roteiro, gravação e edição. (Tempo de duração: 20min)

Como pensamos que essa aula seria isolada das demais, a atividade de gravar os pontos importantes para a videorreportagem já seria passada, visto que as imagens devem ser de seus cotidianos, evidenciando o contexto social diário deles - eles devem gravar na câmera normal do celular.

3.1.4 Aula 4



1. Objetivo da aula

Aguçar a criticidade da turma a partir da reflexão e da problematização das notícias sobre os bairros; comparar a realidade dos alunos com o que circula nos meios de comunicação; e identificar e interpretar o conteúdo e os componentes de uma reportagem.

2. O que pretendemos avaliar?

A capacidade de estabelecer relações críticas entre a realidade e o que circula na mídia, identificando, através da discussão, o que há de compatível e incompatível, bem como apontando as estratégias utilizadas para isso; a interpretação (se mais superficial ou mais profunda) do conteúdo proposto, bem como a capacidade de reconhecer - antes, durante e depois da nossa exposição - os componentes de uma reportagem; e a problematização apontada pelo aluno antes, durante e depois da discussão sobre os as notícias dos bairros.

3. Esquematização da aula

Pensando que já sabemos qual é o bairro onde moram (devido à atividade da aula passada), vamos levar notícias sobre tais lugares, da internet, para que isso seja problematizado (Disponibilizaríamos *links* e reportagens de cada respectivo bairro no *drive* da turma. Pediremos para que se agrupem próximos aos seus colegas de trabalho e entregaremos notícias impressas sobre seus respectivos bairros (nesse momento, seus locais de gravação), visando analisar a notícia ou reportagem trazida com um olhar crítico, observando seus títulos, leads e conteúdo. O objetivo é fazê-los comparar a realidade que eles conhecem e gravaram com aquilo que circula nos meios de comunicação. Como esperamos que algumas imagens já tenham sido gravadas por eles, deixaremos em aberto, nesse primeiro momento da aula, para que eles tragam suas visões, estabelecendo sempre a ideia de uma aula dialógica e interativa. Assim, todos poderão participar de alguma forma e se envolver no conteúdo, seja através da notícia, da videorreportagem ou explicando seu roteiro de produção. (*Tempo de duração: 50min*)

3.1.5 Aula 5



1. Objetivo da aula

Colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores a respeito das ferramentas de produção e edição do *TikTok*.

2. O que pretendemos avaliar?

Como os estudantes utilizam as ferramentas do *TikTok* para editar seus respectivos vídeos e no quanto isso interfere no processo de produção.

3. Esquematização da aula

Considerando o tempo curto e as discussões empreendidas nas aulas anteriores, no primeiro momento da aula retomaremos o propósito do projeto: produzir uma videorreportagem crítica sobre o Recife que a turma quer, baseado em seus respectivos bairros. Esperamos que os roteiros já estejam prontos e que todo o material que os alunos utilizarão já esteja separado, mas sabemos que imprevistos acontecem. Por isso, os primeiros momentos da aula serão destinados para possíveis ajustes no roteiro, seleção de arquivos e para que os alunos explorem a plataforma, conforme o projeto que será realizado. Apesar de simples, vamos escrever essas orientações no quadro e passar de grupo em grupo, dando suporte e tirando as dúvidas que surgirem. (*Tempo de duração: 10min*)

Os grupos que finalizarem essa revisão ou que já estiverem prontos, devem, após a nossa autorização, iniciar a produção da videorreportagem. Ao longo desse processo, permaneceremos indo de grupo em grupo para auxiliar no que for necessário. (*Tempo de duração: 40min*)

3.1.6 Aula 6

1. Objetivo da aula

Revisar, ou finalizar, caso necessário, a produção da aula passada, fazendo possíveis ajustes; e pensar nas formas, ferramentas e na importância da divulgação e executá-la.



2. O que pretendemos avaliar?

A escolha e o emprego das ferramentas da plataforma - conforme a discussão proposta em sala - em prol da divulgação do vídeo e dos impactos que essas ferramentas têm para a divulgação.

3. Esquematização da aula

Assim que chegarmos na sala, pediremos para que a turma se organize em grupos para revisar seus respectivos projetos, adicionando ou modificando imagens, narrações e outros elementos. Aqueles que ainda não finalizaram o trabalho poderão fazer isso neste momento. Circularemos na sala para dar suporte à turma e para verificar o andamento do projeto. À medida em que as revisões forem finalizadas, eles serão orientados a enviar o vídeo para o drive da turma. *(Tempo de duração: 15min)*

Em seguida, iniciaremos a discussão sobre a importância da divulgação, nas ferramentas que o *TikTok* disponibiliza para isso e no impacto que elas podem gerar. Para essa discussão, colocaremos - gradualmente - as seguintes perguntas norteadoras no quadro:

Apêndice IV - Perguntas norteadoras para seleção e escolha das ferramentas de divulgação

- a) Qual o papel da hashtag, da legenda e das palavras-chave?
- b) Como essas ferramentas influenciam a divulgação de um conteúdo nas redes sociais?
- c) O desempenho dessas ferramentas muda conforme a rede social? Se sim, qual o comportamento delas no *TikTok*?
- d) Além do *TikTok*, quais redes sociais podem impulsionar a divulgação da videorreportagem produzida?
- e) Qual o efeito de marcar perfis de autoridades pernambucanos poderia ter na divulgação da videorreportagem? Quais perfis poderiam ser escolhidos?
- f) Quais as melhores hashtags, legendas e palavras-chave para impulsionar a divulgação da minha videorreportagem?

Apesar do tempo curto, o objetivo é que os alunos opinem sobre o que está sendo proposto, de forma a já pensar nas melhores estratégias para a divulgação dos trabalhos no *TikTok*. *(Tempo de duração: 20min)*



Finalizada a discussão, orientamos os grupos a selecionar palavras-chave, hashtags, legendas e perfis de autoridades da cidade para publicar os trabalhos na plataforma em questão e também compartilhar o link gerado em outras redes sociais, como o WhatsApp e o Instagram. Continuaremos circulando pela sala para dar apoio à turma e, à medida que os grupos forem finalizando, vamos acompanhar a publicação a fim de conferir o envio e evitar a publicação de conteúdos diferentes daqueles que foram propostos. *(Tempo de duração: 15min)*

3.1.7 Avaliação final em sala

Depois que todos os trabalhos estiverem finalizados e publicados, vamos reproduzi-los em sala de aula, para que todos vejam o resultado final. Em seguida, pediremos que eles comentem. Esperamos que esse momento seja bastante fluido, mas, em todo caso, usaremos as seguintes perguntas norteadoras:

Apêndice V - Perguntas norteadoras da autoavaliação

- a) Como foi o processo de produção da videoreportagem e da legenda? Qual a parte mais fácil e a mais difícil?
- b) Dentre as produções dos colegas, qual te chamou mais atenção e por quê?
- c) Quanto às ferramentas e ao tema trabalhado por você por seus colegas, o que você não sabia e que foi possível conhecer?
- d) Como você avalia a produção e a divulgação da sua videoreportagem?
- e) Como foi o trabalho em grupo? Você gostou de participar dessa produção?

Conclusão

Conclui-se, portanto, a importância do planejamento de aulas e, ainda mais, que estas precisam ter certa continuidade, como a trilha, a fim de alcançar não somente as metas pedagógicas que os documentos oficiais indicam, mas também para fazer um trabalho contextualizado com a realidade do aluno. Além disso, fica evidente a necessidade de utilizar as redes sociais como uma ferramenta educacional, visto que fazem parte do dia a dia dos alunos e, assim como outras situações comunicativas, têm suas especificidades de uso e linguísticas que o professor de Língua Portuguesa, na atualidade, não pode ignorar.



Dessa maneira, a trilha “O Recife que eu quero: meu olhar através da videorreportagem” exemplifica como é significativamente importante estar atento às mudanças nos documentos oficiais, que adicionaram às habilidades anteriores a questão do uso da internet, bem como utilizar as plataformas como fonte de curadoria de vídeos e *posts* que podem ser levados para sala de aula. Assim, materiais autorais podem ser elaborados para engajar ainda mais os alunos no processo de aprendizagem, especialmente quando esses conteúdos são concordantes com o que o aluno vive em seu bairro, cidade, estado e país. Dessa forma, é possível que o aluno aprenda aquilo que lhe foi solicitado, mas que isso tenha uma utilidade, seja para reivindicar as condições precárias em que vive, por exemplo, seja para exaltar sua cultura local. De toda forma, o aluno precisa ser entendido e entender que ele é um agente no mundo em que vive, que tem o papel, como cidadão, de se posicionar e a língua é o meio para isso.

Em suma, a trilha pode inspirar professores de Língua Portuguesa Brasil afora a proporcionar uma vivência semelhante em sala de aula, adaptando-a para que ela esteja estritamente ligada ao contexto dos alunos. Ademais, assim como a videorreportagem e a legenda foram utilizadas como os gêneros discursivos ao longo do trabalho, outros gêneros podem ser encontrados nas redes sociais, isto é, é preciso pensar na internet como aliada para o ensino de língua materna.

Referências

BAKHTIN, M . **A Estética da Criação Verbal**. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2000._____. **A Estética da Criação Verbal** , 5ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARSOTTI, Adriana. **Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador da audiência**. In: E-Compós. 2014. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/56236/56236_4.PDF. Acesso em 01 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 03 abr. 2023.



FERREIRA, L. C; PEDROSA, L. **De 1500 a 2021:** veja como a comunicação evoluiu no Brasil. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-05/linha-do-tempo-telecomunicacoes>. Acesso em 03 abr. 2023.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Resgate histórico do jornalismo brasileiro –parte 1:** dos primórdios até a Proclamação da República. Memória da Imprensa, s/d. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/pdf/colaboracao_memoria_da_imprensa.pdf. Acesso em 03 abr. 2023.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) Gêneros Textuais e Ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, 19-38.

PERNAMBUCO. **Currículo de Pernambuco:** ensino médio. Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação. Recife, 2021. Disponível em: https://sinepe-pe.org.br/wp-content/uploads/2021/06/curriculo_ensino_medio_pe.pdf. Acesso em 03 abr. 2023.

SOUZA, Diana Paula de. **Trajетória Histórica do Jornal Empresa:** das Origens aos Conglomerados de Mídia. In: V Congresso Nacional de História da Mídia. 5., São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0050-1.pdf>. Acesso em 03 abr. 2023.

SUASSUNA, L. Paradigmas de avaliação: uma visão panorâmica. In: MARCUSCHI, B.; SUASSUNA, L. (Orgs.). **Avaliações em Língua Portuguesa:** contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/8.pdf>. Acesso em 03 abr. 2023.

O Brasil que eu quero. G1 Portal de Notícias da Globo, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/o-brasil-que-eu-quero/>. Acesso em 02 abr. 2023.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes Editores, 2015.